

NO CENTENÁRIO DO ESCUDO

Parte I : A revolta dos gravadores

António Miguel Trigueiros

Escrevo este texto precisamente no dia em que se completa o centenário da publicação do decreto fundador da primeira unidade monetária da República Portuguesa, domingo 22 de Maio de 2011, iniciando uma pequena série de artigos que, a convite da direcção desta revista, irá revelar com mais pormenor documental alguns factos históricos já anteriormente referidos no livro publicado em 2004 sobre “A Grande História do Escudo Português”.

De entre os muitos episódios que compõem a história dos primeiros anos do escudo republicano, alguns dizem respeito à história numismática das primeiras moedas da República, enquanto outros entroncam na história monetária desse período, que antecedeu em poucos anos as graves perturbações provocadas pela Grande Guerra de 1914-18, existindo outros ainda que nos contam como se deu a entrada da Casa da Moeda de Lisboa na segunda revolução industrial, a revolução do gás e da energia motriz eléctrica.

“As novas moedas – A revolta dos gravadores” é um desses episódios que interessa à numismática, já que lida com as esculturas e as gravuras que foram seleccionadas para embelezar as primeiras moedas republicanas.

A escolha dos primeiros modelos republicanos

Estabelecendo o decreto com força de Lei de 22 de Maio de 1911, no respeitante às novas moedas de escudo e de centavos a cunhar, que a selecção dos modelos e gravuras seria feita por concurso entre os artistas portugueses, o recém empossado presidente do Conselho Administrativo da Casa da Moeda e Papel Selado, Dr. António dos Santos Lucas, manda publicar o programa do respectivo concurso no *Diário do Governo*, onde saiu a 27 de Junho de 1911.

Começava mal a saga do escudo republicano, já que, sem dúvida por falta de experiência nestes actos, e por vários erros e omissões na sua redacção, este concurso ficou deserto, por falta de interessados.

Mais de três meses volvidos, nova publicação tem lugar a 9 de Outubro:

O CONCURSO PARA A NOVA MOEDA

Os modelos adotados para as moedas de 20 centavos e 4 centavos destinadas a comemorar a implantação do novo regimen foram os do escultor sr. Simões d'Almeida, sobrinho, tendo o juri tambem classificado os trabalhos com as legendas *Agricultura* e *Alvorada* cujo averso e verso respectivamente poderiam servir, caso o governo assim o entendesse, para a moeda de dois centavos. Os outros concorrentes cujos modelos foram apresentados em 28 de novembro e que por isso não se



5 e 7—Projeto distinguido para premio pelo juri

8 e 9—Projeto distinguido para premio pelo juri

(Clichés de Benoliel)

- 1—O juri do concurso, constituído pelos escultores Teixeira Lopes, Costa Mota e pelo pintor Veloso Salgado, reunido na sala do conselho da Academia de Belas Artes
- 2 e 3—Projeto do escultor Simões d'Almeida, Sobrinho (legenda Patria) aprovado pelo juri, para a moeda de cobre
- 3 e 6—Projeto do escultor Simões d'Almeida, Sobrinho, aprovado pelo juri para a moeda de prata

admitiram protestaram declarando ser n'essa data e não em 27 do mesmo mez—como o juri afirma—que terminava o prazo do concurso estabelecido em 50 dias no «Diario do Governo» de 9 de outubro.



PROGRAMA DO CONCURSO PARA OS MODELOS
DAS NOVAS MOEDAS DA REPUBLICA PORTUGUESA

1.º

É aberto concurso, entre os artistas nacionais, por espaço de cinquenta dias, a contar da publicação d'este programa no Diário do Governo, para os modelos das novas moedas da Republica Portuguesa.

2.º

Estes modelos, em número de três, tanto para os modelos do anverso como do reverso, destinam-se, um às moedas de prata e dois às de bronze-níquel. Todos eles terão uma composição ou figura simbólica com a legenda "Republica Portuguesa" e a era de cunhagem em algarismos, e deverão distinguir-se entre si. Um dos dois últimos destina-se às moedas comemorativas da proclamação da República, a que se refere o artigo 9.º do Decreto de 22 de Maio de 1911, e deverão ter a data de 5 de Outubro.

3.º

Os referidos modelos deverão ser apresentados em gesso, muito bem acabados, ter o diâmetro de 12 centímetros e ser acompanhados das reduções fotográficas correspondentes aos diâmetros seguintes: para as moedas de ouro, 30 mm e 15 mm; para as de prata, 37 mm e 19 mm; e para as de bronze-níquel, 23 mm e 17 mm. A altura do relevo não deverá exceder um milímetro.

4.º

Os modelos deverão ser entregues na Academia de Belas Artes de Lisboa, até às 4 horas da tarde do dia em que terminar o concurso, em troca de recibo, que será assinado por um dos vogais do júri, e serão marcados com uma divisa, repetida no sobrescrito que encerrar a indicação do nome do autor

5.º

Para julgar os modelos apresentados, será nomeado um júri constituído por cinco membros, dois nomeados pela Academia de Belas Artes de Lisboa, dois pela do Porto e um pela Sociedade Nacional de Belas Artes, devendo as Academias indicar cada uma um crítico de arte e um artista e a Sociedade Nacional um artista.

6.º

Aos dois concorrentes que, em cada modelo, alcançarem as mais elevadas classificações, serão conferidos os seguintes prémios: 200\$000 réis ao primeiro do anverso, 100\$000 réis ao segundo do anverso, 100\$000 réis ao primeiro do reverso e 50\$000 réis ao segundo do reverso.

7.º

Os modelos apresentados serão, depois de classificados, expostos ao público por espaço de oito dias, com a indicação dos premiados.

8.º

Os modelos premiados ficarão pertencendo à Casa da Moeda e serão expostos no seu Museu.

9.º

Os concorrentes que obtiverem os primeiros prémios obrigam-se a mandar fundir os respectivos modelos em bronze campanil e a entregar estas fundições na Casa da Moeda.

10.º

Os modelos não premiados deverão ser retirados no prazo de 48 horas depois do encerramento da exposição a que se refere o n.º 7º, cessando a responsabilidade do júri, decorrido que seja este prazo.

*Casa da Moeda e Papel Selado, o Presidente do Conselho Administrativo,
António dos Santos Lucas»*

(Diário do Governo de 9 de Outubro de 1911)

Começaram aqui os problemas e atribuições por que passou a escolha dos desenhos para as novas moedas republicanas, como se fala no livro e agora se dá conta por uma reportagem publicada em “O Occidente”, de 20 de Fevereiro de 1912 :

«A Moeda da República e os seus colaboradores I/ Muito se tem falado e escrito sobre a futura moeda – e não menos do selo – do novo regimen! E a despeito do patriotismo dos governos em promoverem concursos a premio entre os artistas portugueses e da boa vontade dos juris em acertar na classificação dos melhores modelos tem havido a infelicidade de tais classificações produzirem protestos e descontentamentos, não só entre os concorrentes como entre o público. E não menos descontentamento tem produzido a morosidade havida em vir para a circulação uma e outra coisa, depois de desasseis meses de República!...

O concurso para os modelos da nova moeda, foi publicado no Diário do Governo de 9 de outubro ultimo, findando o prazo em 27 de novembro. O juri para os classificar, composto dos srs. Teixeira Lopes, Costa Mota e Veloso Salgado, reuniu em 17 de janeiro p.p. na Academia de Belas Artes.

Os concorrentes foram em numero de oito e os modelos apresentados tinham as seguintes legendas: Pátria, Ordem e Trabalho, Seis Rodas, Nome e Renome, Agricultura, Alvorada, Luzo e Liberdade.

Por uma diferença de interpretação do termo do prazo do concurso, os quatro ultimos concorrentes só foram admitidos condicionalmente por se apresentarem um dia depois.

O juri classificou tres modelos: 1.º premio, moeda de prata – o grupo de anverso e reverso da divisa Patria, do escultor Simões d’Almeida (sobrinho); 1.º premio, moeda de bronze-nickel, comemorativa da implantação da República – o grupo de anverso e reverso da divisa Patria, do mesmo autor; 2.º premio, moeda de bronze-nickel (dependente da aprovação do governo) – o anverso da divisa Agricultura e o reverso da divisa Alvorada, ambos do escultor Francisco dos Santos, um dos concorrentes retardatários.

Tanto este como os demais artistas que ficaram fora do concurso fizeram publicos protestos contra a orientação do juri, e declararam que iam recorrer para os tribunais afim de invalidar o concurso, com a argumentação de que ele se deu por terminado aos 49 dias e 6 horas e não, como dizia o Diário do Governo, no prazo de 50 dias.

Por umas entrevistas com dois membros do juri, publicadas nalguns jornaes, emitiu-se a opinião de serem gravados em paris os cunhos das novas moedas, aludindo-se à falta de material – o que até certo ponto é verdade – e à falta de competencia dos gravadores da Casa da Moeda, o que não é justo.

Sob este ponto o sr. Alves e o sr. Rego, respectivamente primeiro e segundo gravador daquele estabelecimento, vieram à imprensa mostrar com argumentos de valor o equívoco de tal asserção, provando bem que seus trabalhos teem suplantado outros feitos no estrangeiro, o que não só honra aqueles artistas portugueses, como a gravura nacional.» (p. 35)

Face à reclamação apresentada pelos concorrentes excluídos, o então ministro das Finanças, Sidónio Pais, pede o parecer da Procuradoria Geral da

República, que dá razão aos reclamantes: «(...) O prazo em relação a dias, contam-se hora a hora: e, contado o prazo em relação a este concurso por essa forma, termina no dia 28. Esta forma de contar era já de Direito Romano pelo princípio bem conhecido *Dies termini non computatur in termino*.» (26 de Março de 1912).

Em conformidade, Sidónio Paes exara o seguinte despacho nesse parecer: «*Reuna o jury para de conformidade com este parecer proceder a nova classificação, visto deverem ser admitidas as propostas dos grupos com a divisa “Agricultura” e “Alvorada”, com urgencia.*» (27 de Março de 1912) ¹

Nessa reunião, que teve lugar a 5 de Abril, a atribuição dos prémios ficaria assim ordenada:

Moedas de prata – 1.º prémio, anverso e reverso da divisa *Pátria*, esc. Simões de Almeida (sobrinho);

Moedas de bronze-niquel comemorativas da República – 1.º prémio, anverso e reverso da divisa *Pátria*, do mesmo autor;

Moedas de bronze-niquel correntes – 1.º prémio, anverso da divisa *Agricultura* (busto) e reverso da divisa *Alvorada* (2 Centavos), do escultor Francisco dos Santos; 2.º prémio, o anverso do modelo *Alvorada* (figura, 5 de Outubro) e o reverso do modelo *Agricultura* (1 Escudo), do mesmo autor.

No total, José Simões de Almeida (sobrinho) recebeu 600\$000 réis pelos prémios de dois grupos completos, de anverso (200\$000 réis cada) e de reverso (100\$000 réis cada); e Francisco dos Santos recebeu 450\$000 réis.

Note-se que, em dinheiro actual, cada 100 escudos de 1911 equivale a (3.000 x 100) 300 contos de 2001, ou 1.500 euros. Pelo pagamento dos prémios aos autores, os modelos passaram a ser propriedade da Casa da Moeda. ²

A revolta dos gravadores

Quando os gessos premiados foram examinados pelos gravadores da Casa da Moeda, a quem competia proceder à sua redução e gravação nos punções e cunhos à escala das novas moedas, o desânimo foi grande e as críticas muitas. Hoje entendemos bem como estes homens se devem ter sentido, completamente marginalizados em todo este processo selectivo, para depois lhes cair nos braços a batata quente de passar ao metal as esculturas “modernas”, feitas por artistas sem qualquer experiência na arte de modelar moeda e nos requisitos técnicos para a cunhar.

Eram eles, o chefe da oficina de gravura, Venâncio Pedro de Macedo Alves (1853-1933), admitido na CMPS em 1866, nomeado 2.º gravador em Fevereiro de 1894 e promovido a 1.º gravador logo em Maio desse mesmo ano, por ele passaram todas as moedas portuguesas dos últimos anos da Monarquia e foi ele o autor da primeira moeda da República Portuguesa, a rupia de prata

para a Índia Portuguesa, com uma composição artística de rara harmonia estética e delicadeza de pormenores, de grande qualidade de gravura, amoadada em 1912, mas de que existem raros ensaios datados de 1911. Gravemente enfermo desde 1913, seria aposentado em Abril de 1914.

E o seu adjunto, Domingos Alves do Rego (1873-c. 1960), natural de Leiria e figura de artista de grande merecimento na história das moedas da 1.^a República, admitido na CMPS em Novembro de 1894, nomeado 2.^o gravador em Janeiro de 1910 e promovido a 1.^o gravador em Abril de 1914, na sequência da aposentação de Venâncio Alves, onde ficaria como chefe da oficina de gravura até 1931. Autor do retrato de D. Manuel II para as estampilhas postais, seria depois o gravador responsável por dar vida às primeiras moedas do Escudo republicano, em todos os metais, prata, bronze e até nos cunhos do ouro de 1920, que nunca chegaria a circular.

Foi da autoria destes dois esclarecidos artistas o texto que se segue, dirigido ao presidente da CMPS, António dos Santos Lucas:

«Os abaixo assinados, na qualidade de gravadores d’esta casa, sendo-nos presente por V. Exa. uns modelos (verso e reverso) aprovados em concurso para a nova moeda de 50 centavos da República, mostrando V. Exa. o desejo para que se desse começo à sua gravura, antes d’isso, resolvemos nós chamar a tenção de V. Exa. para as deficiências e falta de condições d’estes relevos – no sentido pratico-utilitario – ao fim a que são destinados, e para que nos não tornem responsáveis de taes deficiências e se não perder tempo a fazer um trabalho que decerto teria de ser posto de parte, pelo que vamos demonstrar, até que se modifiquem e deem condições precisas de utilidade e relevo aos mesmos modelos a bem servirem. Nós aqui muito sinceramente vamos expor e apontar o que achamos de justiça e boa razão.

Estão estes modelos feitos, mas por uma forma exagerada, d’alguns trabalhos do mesmo genero usado lá fora, em França principalmente, com o caracteristico das figuras vagas, pouco defenidas, lambido como é vulgar dizer-se, confundindo-se em muitos casos, partes da figura modelada com o próprio fundo. Estes trabalhos tratados com mimo e arte são agradaveis á vista, de muito effeito – e principalmente quando feitos por mão de mestre como Chaplain – e de esplendidos resultados quando feitos em medalhas que são geralmente destinadas a colocar n’uma vitrine, não estando no mesmo caso para moeda, destinada como é a girar errante de mãos em mãos durante o dia, e portanto, se a sua gravura não for bem defenida e detalhada – embora macia – se as suas linhas não forem feitas com certa firmeza e nitidez, dentro em pouco a figura modelada passaria a ser uma cousa vaga, mal defenida, desagradavel, gasta por completo no que n’ella possa haver de mal defenido por que não teve condições de resistencia ao constante movimento, tornando-se assim mais facil à falsificação.

Tanto isto é assim, que no estrangeiro onde se ensaiou e fez moeda com modelos d’este modo vagos, vendo os graves inconvenientes, logo trataram de os modificar no sentido mais nitido à prova de circulaçãp – isto para moeda – dando aos modelos o devido relevo, destacando-se bem a letra, geralmente feita a punção, (àparte da figura) do objecto ou figura esculpida como se ve no esplendido modelo de moeda, os 20 francos (o gallo de Chaplain) e outras de menor importancia mas bem nitidas,

OS GRAVADORES,

*Venceslao Pedro de Macedo e Alves,
Domingos Alves da Silva*

feitas em nickel, ultimamente postas em circulação e ainda este belo modelo de prata d'uma colónia alemã, que junto mando a V. Exa., que tem todas as condições próprias para uma boa moeda, cousa que estes modelos não teem.

Os que nos foram presentes estão feitos mais para effeito de exposição de que propriamente no sentido pratico-utilitario e isto vê-se, por exemplo, nas praganas de trigo colocadas na cabeça da figura que são reintrantes, isto é, feitas a fundo no fundo do modelo, que não é pratico, em vez de ser em relevo.

Além d'isso, comparando estes trabalhos com os da escola do grande mestre Chaplain, escola que os nossos artistas procuram emitir, nota-se comparando ainda a moeda de 20 francos já citada, e em especial a effigie com a destinada á nossa moedade 50 centavos ve-se quanto bem defenida está a primeira, destacando-se do fundo, os cabelos, olhos, o sobreolho até um tanto duro e bem firmado, as próprias folhas de carvalho que coroam, conquanto seja leve o seu relevo, no entanto estão bem defenidas, destacando-se dos campos em que assentam, isto em verdadeiro contraste com o modelo que nos foi presente.

Está nas mesmas condições o reverso, principalmente as folhas de louro (?) que circundam as armas, feitas como estão, por forma tão velada, de modo algum podem dar bom resultado ao fim a que são destinadas; e quem quizer ver com olhos de ver, e compare ainda com o gallo reverso dos 20 francos, mais uma vez citado, então poderá constatar que tudo allí é destacado do fundo da moeda, tanto o soberbo symbolo da Gallia como a legenda, e tudo o mais de que está composto; allí se revela os grandes conhecimentos do seu auctor em coisas d'esta ordem. Há ainda a notar que estes trabalhos, mechanicamente feitos, e reduzidos, tendem sempre a dar mais vago o que vago está, e por isso, é de uso – quando do assumpto se sabe e se tem pratica – fazer modelos um pouco mais duros e defenidos, ponde de parte quaesquer effeitos de exposição.

Finalmente, estes relevos reduzidos em gravura tal como estão, sem serem modificados, não teem condições necessarias para uma boa moeda, como deve ser. É factio que se pode gravar tal como estão, mas pelos exemplos que já apontámos não fica bom trabalho.

Para ressalvar as nossa responsabilidades, para que o fracasso que fatalmente se há de dar, caso não sejam reformados ou alterados os modelos, e não incidam sobre nós, gravadores, é que resolvemos fazer esta exposição demonstrativa de factos, para não succeder o que succedeu com os reversos das moedas do Centenário Marquês de Pombal e Guerra Peninsular, que, mostrando os seus autores e outras entidades grande empenho em que ao estrangeiro fossem gravados, lá foram, de lá vieram promptos, mas como os gravadores de lá não fizeram o milagre de meter nos modelos o que lá não estava, eis a razão porque vieram em condições pessimas tanto

em gravura e seu relevo, como no equilibrio que tem que haver em todo o conjunto para bom serviço na machina de cunhar; acontecendo que para a cuunhagem de 200 contos foi um esfacelar de machinas e cunhos espantoso e desolador; e, se 200 contos se cunharam com sacrificio de material e de trabalho, para uma moedação maior ter-se-ia necessariamente de pôr estes trabalhos completamente de parte; no entanto como isto pouco se sabe, o odioso caiu sobre nós, gravadores e d'isso se tem tirado partido para determinado fim.

Saude e Fraternidade

*Casa da Moeda e Papel Sellado, em 10 de Abril de 1912 // Os Gravadores
Venâncio Pedro de Macedo Alves // Domingos Alves do Rego» ³*

Tal como hoje ainda acontece, os autores-escultores para moeda não vêm com agrado qualquer retoque que seja feito na sua obra, mesmo que tecnicamente necessária, e foi isso mesmo o que aconteceu com a gravura das primeiras moedas do escudo republicano, como nos deixou legado Domingos Alves do Rego numa outra exposição, datada de 23 de Abril de 1913:

«Está V. Exa. mais ou menos ao facto do meu modo de ver – e parece-me que praticamente bem o tenho demonstrado –, das grandes deficiências, dado o fim para que foram destinados, na maioria dos modelos escolhidos e aprovados para as moedas da República. O que por consolação me resta, é que pessoa alguma da Casa da Moeda, concorreu para essa escolha e aprovação.

Não fomos chamados a colaborar n'essa selecção, o que por todos os motivos estava indicado, como conhecedores das muitas particularidades tecnicas a que é preciso atender e que longa pratica nos tem demonstrado, para se conseguirem moedas perfeitas a bem servirem; porem, se o fossemos, não teriamos aprovado o que se aprovou e escolheu, pelo menos sem grandes modificações, por forma a poderem-se obter uma moeda digna da República.

De forma alguma quero pôr em duvida o valor artistico do jury; mas, isto nos limites das suas especialidades. Fazer escultura para ser passada ao aço em gravura, é uma especialidade de grandes exigencias; natural é não as conhecer quem se dedica à pintura, ou a fazer estatuas de metros de volume.

E, assim foi que nos deram uns modelos vagos, pobres de detalhes, a cabeça principalmente do verso dos 50 centavos, é fraca de composição, predominando muitos planos, chatos, lisos, o que leva o publico a dizer que é mal gravado – apesar de eu na gravura ter reforçado esses poucos detalhes que tem, dando-lhe mais vigor, com grande contrariedade do autor, como V. Exa. sabe, para que as moedas não sahissem já como se gastas estivessem.

Passando ao reverso e sua composição, nota-se falta de observância de certas regras e preceitos como o de nunca a ramagem, simbolo de ordem geral, fechar ou abafar o escudo simbolo de significação especial e de capital importância, não permitindo, alem disso, que reduzido ao tamanho de 20 e 10 centavos, se possa aplicar os algarismos do valor d'estas moedas em tamanho que bem se destaca e veja como é preciso, e entre nós uzado nas moedas de 200 e 100 réis, e se vê em todas ou na sua maioria, nas moedas estrangeiras de valor equivalente. Pode este reverso ficar razoável nas moedas de 50 e 100 centavos (ou escudo), mas reduzidos ao tamanho de 20



Reversos para a moeda de prata da República: à esq. o modelo original premiado de Simões de Almeida (sobrinho); à dir., o projecto de Alves do Rego de 1913, que seria adoptado em 1927

e 10 centavos com o valor em algarismos tão reduzidos, dá a impressão, parece-me, d'uma salganhada monotona sem estetica – que o publico tem criticado nas de 50 centavos, não gostando – e talvez pior seja na moeda mais reduzida.

Pelo que exponho, resolvi eu fazer ou gravar, como ensaio, outro reverso, no mesmo sentido, mas com disposição diferente, cujas provas eu envio a V. Exa. para que compare e aprecie com quem V. Exa. melhor entenda, e até com sua Exa. o Sr. Ministro, se isso achar conveniente, e assim finalmente escolhido, será definitivamente aplicado, seja qual fôr, visto que ambos estão prontos.

Adotei como lauræas, no meu reverso, o louro e o carvalho que simbolizam – GLORIA E FORÇA – por ser de significação simbolica mais completa e tornar a composição menos monotona.

Aguardo as ordens de V. Exa. // Saude e Fraternidade

CNPS, em 23 de Abril de 1913 // O 2.º Gravador // Domingo Alves do Rego»⁴

No Museu Numismático Português existe um exemplar de prata cunhado com os dois modelos de reversos (inv. n.º 23 867), sendo também conhecidos ensaios dos 20 centavos de 1913 com o reverso proposto por Alves do Rego. Este seu estudo seria muito mais tarde adoptado para o reverso da série dos escudos de alpaca, iniciada em 1927, constituindo uma das mais belas e harmoniosas composições do escudo nacional ornamentado, que ainda hoje permanece sem rival em toda a numismática moderna portuguesa.

Uma Pátria esquecida

De todos estes modelos originais do concurso de 1911-12, de que damos aqui as respectivas fotografias (a versão digital estará livremente disponível no editor www.estudosdenumismatica.org), todos nós sabemos o que lhes sucedeu:

O modelo “Pátria-50 centavos”, depois de profundamente retocado por Alves do Rego, transformou-se na primeira moeda de prata da República, e o escultor José Simões de Almeida (sobrinho) (Figueiró dos Vinhos 1880 –

Lisboa 1950) continuou a concorrer nos concursos para moeda, sempre com o mesmo modelo vencedor de 1912, influenciando decisivamente a numismática portuguesa da primeira metade do século XX;

Ainda está por saber como foi que o modelo “Alvorada”, anverso, foi recuperado de um modesto 2.º prémio em 1912, para subir ao pódio em 1914, como a face simbólica da moeda comemorativa da implantação da República, sendo hoje aclamado como uma das mais belas gravuras da numismática nacional. Francisco dos Santos (Rio de Mouro 1878 – 1930) notabilizou-se na estatuária nacional, sendo o autor do busto oficial da República Portuguesa, no concurso aberto em 1910 pela Câmara Municipal de Lisboa, e também o autor da monumental estátua do Marquês de Pombal, na Rotunda em Lisboa, que não conseguiu concluir, tendo depois da sua morte sido continuada por Simões de Almeida (sobrinho);

O seu modelo “Agricultura”, anverso, seria também recuperado, mas só na sua figura central, que passaria a constituir o reverso das moedas de cuproníquel e de bronze que circulariam até à reforma de 1942.

De todos eles, só um foi atirado para o olvido da história e remetido para as profundezas das arrecadações da Casa da Moeda: -- o 1.º prémio ganho por Simões de Almeida (sobrinho) para a moeda comemorativa da República, de bronze-níquel, divisa *Pátria*, reverso “4 Centavos”, acabaria por nunca ver a luz do dia. ⁵

Pobre sina para uma escultura modelada ao mais puro estilo da Arte Nova, que daria uma excelente medalha comemorativa, mas que talvez estivesse um pouco avançada demais para a mentalidade do povo a que se destinava.

(Continuará - Parte II)

NOTAS

¹ AHCM, *Amoedação do Continente, Estudos e Concursos 1911-1953*, cx. 273, proc. 4100, vol.1 (1911-1924): parecer da Procuradoria Geral da República e despacho de Sidónio Pais.

² Id., *Ibid.*, *Folha dos pagamentos dos prémios dos modelos das novas moedas de prata e bronze-níquel* (11 de Maio de 1912).

³ Id., *Ibid.*, *Exposição dos gravadores Macedo Alves e Alves do Rego*, de 10 de Abril de 1912.

⁴ Id., *Moedas 1912-1913 – Rremodelação do sistema monetário por decreto de 22 de Maio de 1911 – Modelos das Moedas*, maço 33, proc. 9, documento n.º 4: ofício do 2.º gravador de 23 de Abril de 1913.

⁵ Todos os modelos premiados no concurso de 1911-12 encontram-se inventariados no *Catálogo Geral de Modelos, Punções, Matrizes, Cunhos, Galvanos e Clichés, que serviram ao fabrico de Moedas, Medalhas, Títulos, Valores Selados, Fórmulas de Franquia e outros Trabalhos*, editado em 1960, no capítulo referente aos «Modelos em gesso e galvanos, para moedas e medalhas, e diversos estudos» (pp. 379):

divisa “Pátria” – 50 centavos (n.ºs 24 e 25, anverso; 27 e 28, reverso);

divisa “Pátria” – 4 centavos (n.ºs 35 e 36, anverso; 19 e 20, reverso);

divisa “Agricultura” (n.ºs 16/18, anverso; 37, reverso – 1 escudo);

divisa “Alvorada” (n.ºs 38 e 39, anverso; 21 e 22, reverso – 2 centavos).



1.º prémio (prata) - anverso e reverso da divisa Pátria, esc. Simões de Almeida (sobrinho)



1.º prémio (comemorativa) - anverso e reverso da divisa Pátria, esc. Simões de Almeida (sobrinho)



1.º prémio (bronze) - anverso da divisa Agricultura (busto), esc. Francisco dos Santos



2.º prémio (bronze) - anverso da divisa Alvorada (busto), esc. Francisco dos Santos



O anverso premiado em 1912 para a moeda comemorativa da proclamação da República, seria abandonado e preterido em favor do anverso da Alvorada republicana, de Francisco dos Santos



*As primeiras moedas republicanas
Escudo de prata comemorativo do 5 de Outubro de 1910, emitido em 1914
Centavos de bronze e de cuproníquel da série iniciada em 1917
Escudo e centavos de prata da série iniciada em 1912*

